

CONFLITOS E VIOLÊNCIA NO ESPAÇO AGRÁRIO BRASILEIRO DE 1985-2013: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONFLITOS EM TEMPOS DE SECA NO NORDESTE

RESUMO

Este estudo trata dos conflitos e das formas de violência no espaço agrário brasileiro dos anos de 1985 a 2013 tendo como fonte de dados os Cadernos Conflitos no Campo Brasil publicados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). A região Nordeste é a primeira no Brasil em números de conflitos, pessoas envolvidas e número de feridos no período analisado. Os conflitos em tempos de seca são o fator que mais difere as ações conflitivas na região se comparada às demais. Em anos como 1987, 1990 e 1993 conflitos em tempos de seca se sobressaíram aos casos de posse e uso da terra. A condição climática associada à carência de políticas públicas contribuiu, durante décadas, para o êxodo de camponeses, o que na maioria das vezes, abriu precedentes para outras formas de conflitos, como a superexploração através do trabalho escravo e infantil.

Palavras-chave: Conflitos no campo, Violência, Seca, Nordeste.

RESUMEN

Este estudio se ocupa de los conflictos y de las formas de violencia en el espacio agrario brasileño desde el año 1985 hasta el año 2013 teniendo como fuente datos los informes Conflitos no Campo Brasil publicados por la Comissão Pastoral da Terra (CPT). La región nordeste es la primera en Brasil en cantidad de conflictos, personas involucradas y en número de heridos en este periodo. Los conflictos en tiempos de sequía son el principal factor que diferencia las acciones conflitivas en la región en comparación con los demás. En los años 1987, 1990 y 1993 los conflictos en tiempos de sequía sobrepasaron a los casos de tenencia y uso de la tierra. Las condiciones meteorológicas asociadas con la falta de políticas públicas contribuyeron durante décadas para el éxodo de los campesinos, que en su mayor parte, abrió precedentes para otras formas de conflictos, tales como la sobreexplotación a través del trabajo forzado e infantil.

Palabras clave: Conflicto en el campo, Violencia, Sequía, Nordeste.

ABSTRACT

This study deals the conflicts and the forms of violence in the agrarian space in Brazil in the years 1985 until 2013 has with data of the publication Conflitos no Campo Brasil published by Comissão Pastoral da Terra (CPT). The Northeast is the first region of Brazil in number of conflicts, people involved and the number of injured persons in this period. Conflicts in drought times are the main factor that differs from the conflicting actions in this region, compared to the others. In years as 1987, 1990 and 1993 conflicts in drought times passed in cases of possession and use of land. The climate conditions associated with the lack of public politics contributed for decades to the exodus of country people, what most of the time, opened precedent for other forms of conflicts as over exploitation through slave and child labor.

Keywords: Conflicts in the field, Violence, Drought, Northeast of Brazil.

Helaine Saraiva Matos

Jornalista, Especialista em
Jornalismo Científico e
Geógrafa

helaineism@gmail.com

Universidade Federal do Ceará
– UFC

Bolsista de iniciação científica
CNPq

**Francisco Amaro Gomes de
Alencar**

Geógrafo, Mestre em
Desenvolvimento e Meio
Ambiente, Doutor em
Sociologia

famaro.ufc@gmail.com

Universidade Federal do Ceará
– UFC

Professor do Departamento de
Geografia

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1985 a Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹ realiza o registro sistematizado das lutas camponesas no espaço agrário brasileiro por meio da publicação intitulada *Conflitos no Campo Brasil*, referência quando o assunto é a catalogação e reflexão sobre os embates ocorridos entre camponeses, o Estado e o grande capital no país. Nesse sentido, este artigo propõe uma análise parcial dos dados contidos nos 28 cadernos de conflitos no campo da CPT, correspondendo aos anos de 1985 a 2013, com ênfase nas ações e nas formas de violência ocorridos na região Nordeste e no Ceará, em especial, nos anos de seca. Em função da densidade de números, optou-se por trabalhar com os valores totais desse intervalo, dando ênfase nas discussões aos anos que se destacaram numericamente nesse intervalo de tempo.

Os conflitos no campo são definidos como as ações de resistência e enfrentamento que acontecem em diferentes contextos sociais no âmbito rural, envolvendo a luta pela terra, água, direitos e pelos meios de trabalho ou produção. Estes conflitos acontecem entre classes sociais, entre os trabalhadores ou por causa da ausência ou má gestão de políticas públicas (CPT, 2013, p.10).

No que diz respeito a tipologia desses conflitos, eles podem ser por terra quando as ações de resistência e enfrentamento envolvem a posse, uso e propriedade da terra. Podem ser trabalhistas quando há casos de trabalho escravo e superexploração. Há, também, conflitos pela água para garantir o uso e a preservação dos recursos hídricos, a luta contra construções de barragens e açudes que geram desapropriação de terras, contra a apropriação particular das águas e contra sua cobrança no campo e envolvem ribeirinhos, pescadores, entre outros. Já os conflitos em tempos de seca são ações coletivas que acontecem em áreas de estiagem prolongada e reivindicam condições básicas de sobrevivência e ou políticas de convivência com o semiárido (CPT, 2013, p. 11). Esses dois últimos, respectivamente, são comuns no contexto da região Nordeste, como será apresentado adiante.

Martins (1983, p.10) lembra que os camponeses manifestam-se com uma vontade política própria e se rebelam de maneiras diversas contra seus opressores, quebram velhas cadeias, levam proprietários de terras aos tribunais para exigir o reparo de uma injustiça ou o pagamento de uma indenização, organizam-se em movimentos sociais, sindicatos, exigindo do Estado uma política de reforma agrária, resistindo de vários modos a expulsões e despejos, erguendo barreiras e fechando estradas para obter o que reivindicam.

E essas ações desencadeiam, na maioria das vezes, formas de violência praticadas contra os camponeses. São assassinatos, tentativas de assassinato, ameaças de morte, feridos e prisões. Violência essa entendida como qualquer forma de constrangimento e destruição física ou moral exercidos sobre os trabalhadores e seus aliados (CPT, 2013, p.12).

É importante lembrar que do ponto de vista geográfico, todas essas ações fazem parte da produção espacial entendida como resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço. Espaço, segundo Santos (1988, p.26) como resultado da soma e da síntese, sempre refeita através da espacialização que é mutável, circunstancial, produto de uma mudança estrutural ou funcional.

A metodologia empregada na publicação *Conflitos no Campo Brasil* da CPT contempla o uso de tabelas e artigos que dão conta do número e dos tipos de conflitos (por terra, por água, trabalhistas, em tempos de seca, em áreas de garimpo e conflitos sindicais)².

¹ A CPT é uma entidade ligada à Igreja Católica, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

² Os dados publicados nos Cadernos *Conflitos no Campo Brasil* são obtidos pela CPT por meio dos agentes regionais, declarações, cartas assinadas, boletins de ocorrência, relatos repassados pelos movimentos sociais, igrejas, sindicatos e outras organizações e entidades diretamente ligadas à luta dos trabalhadores e trabalhadoras. Além, de levantamentos feitos em revistas, jornais de circulação local, estadual e nacional, boletins e publicações de partidos, órgãos governamentais, entre outros.

Mas em função da ausência de especificação do tipo de conflito nos anos iniciais, trabalha-se neste estudo com o número total de conflitos, mas destacam-se algumas tipologias, quando catalogadas e relevantes para a compreensão das particularidades locais.

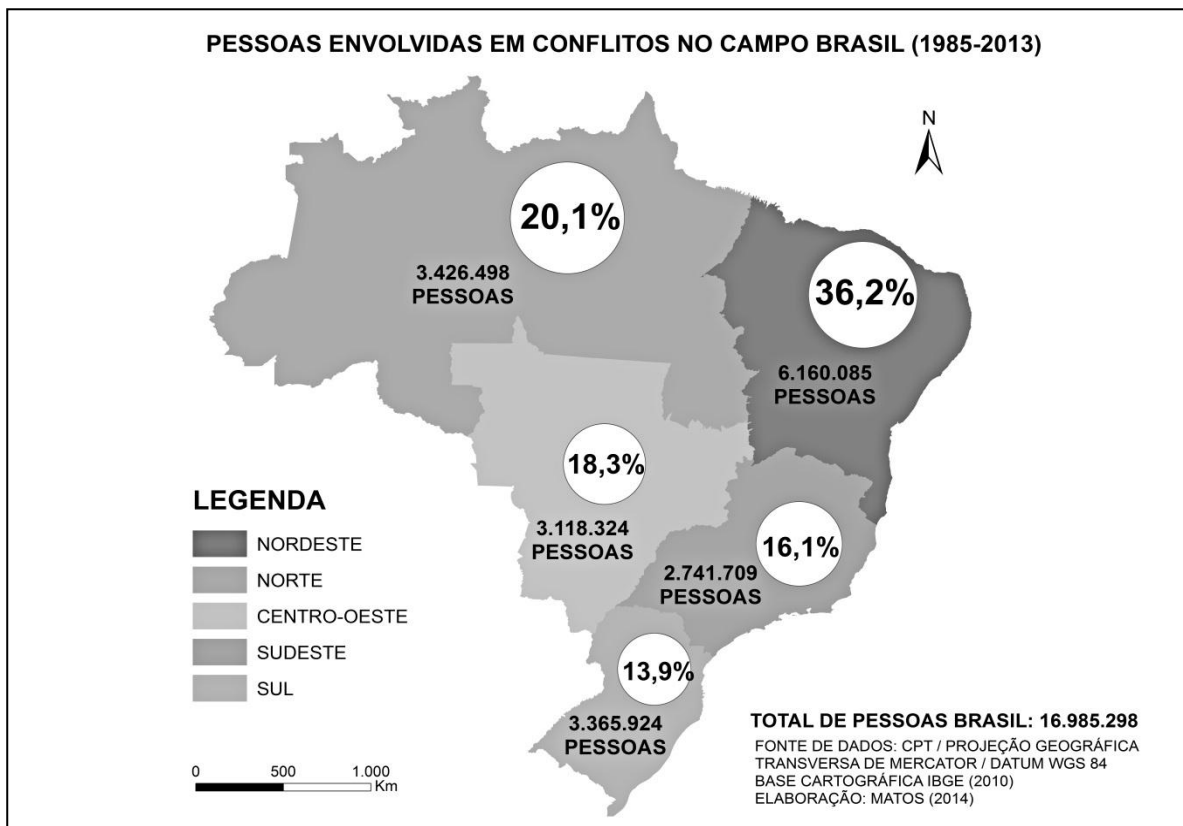
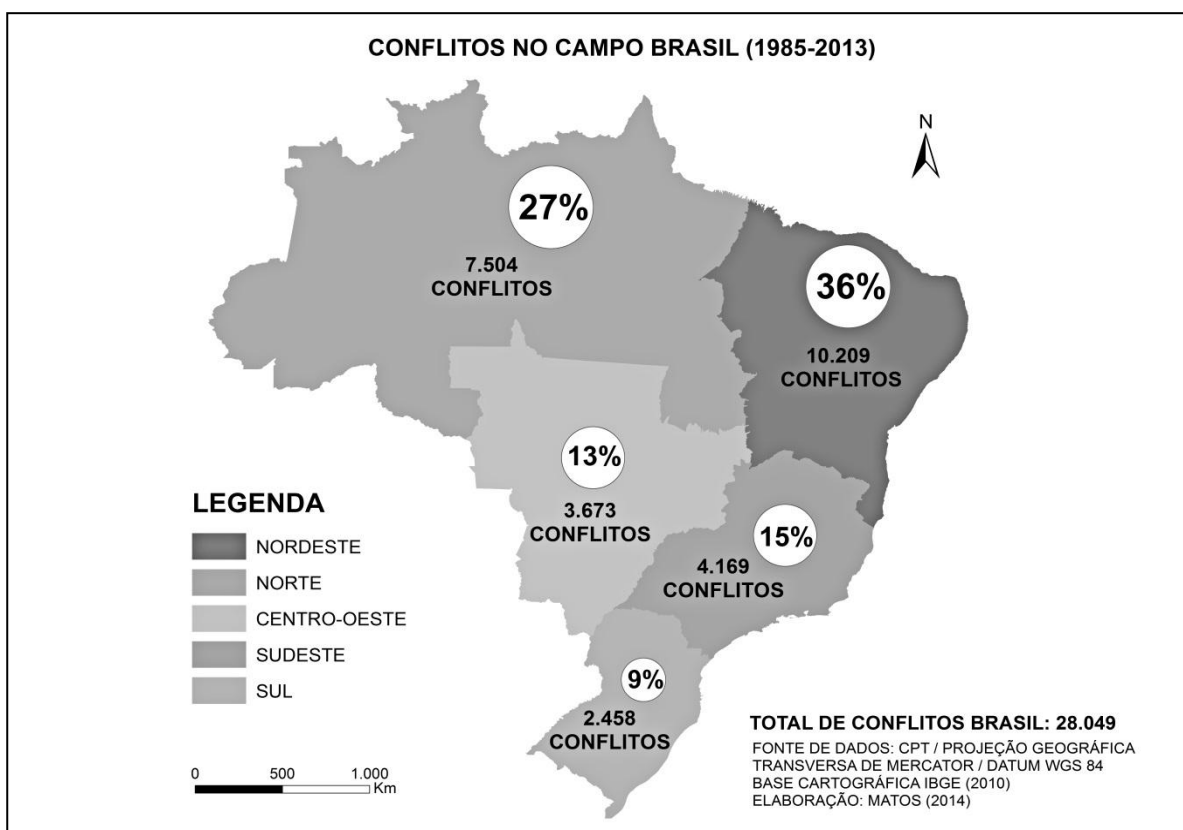
Também foram adotadas como categorias de análise para este estudo as formas de violência decorrentes dos conflitos, como o número de assassinatos e feridos. Além, de destacarmos narrativas de fatos que refletem a violência ocorrida no espaço agrário nordestino, como forma de ir além dos números e compreender as relações políticas e sociais de poder que permeiam a temática. Por se tratar de um estudo sob a perspectiva geográfica, contemplamos a representação dos dados por meio da cartografia temática, de forma, a compreender a dimensão quantitativa e a distribuição dos conflitos no espaço. Este é um estudo preliminar e os resultados aqui discutidos são parciais, mas reflexivos dentro da questão agrária brasileira.

OS CONFLITOS NO CAMPO DE 1985 - 2013 NO BRASIL

No período analisado neste estudo, ocorreram no espaço agrário brasileiro 28.049 conflitos no campo (por terra, água, questões trabalhistas, em tempos de seca, etc.). A região Nordeste foi a que mais registrou conflitos entre as regiões geográficas (ver mapa 1). De 1985 a 2013 a região foi palco de 10.209 conflitos, o que representou 36% do total. Em seguida, veio a região Norte, com 7.504 conflitos ou 27% do total. O Centro-Oeste e o Sudeste representaram, respectivamente, 13% e 15% dos conflitos no Brasil. A menor incidência de conflitos foi registrada na região Sul, com 2.458 conflitos ou 9% do total. O fato de o Nordeste ter se sobressaído entre as demais regiões pode estar associado, entre outros fatos, aos conflitos em tempos de seca e por água. É notável que o número de conflitos foi maior nos anos em que ocorreram secas na região.

No que se refere à quantidade de pessoas envolvidas em conflitos no campo foram contabilizadas de 1985 a 2013 a participação de cerca de 17 milhões de pessoas (ver mapa 2). A ordem quantitativa dos registros segue a mesma tendência mostrada no mapa 1. O Nordeste e o Norte continuam a registrar o maior número de pessoas em conflitos, seguido das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul .

MAPAS 1 E 2: NÚMERO DE CONFLITOS NO CAMPO NO BRASIL E NÚMERO DE PESSOAS ENVOLVIDAS EM CONFLITOS NO CAMPO NO BRASIL (1985-2013)

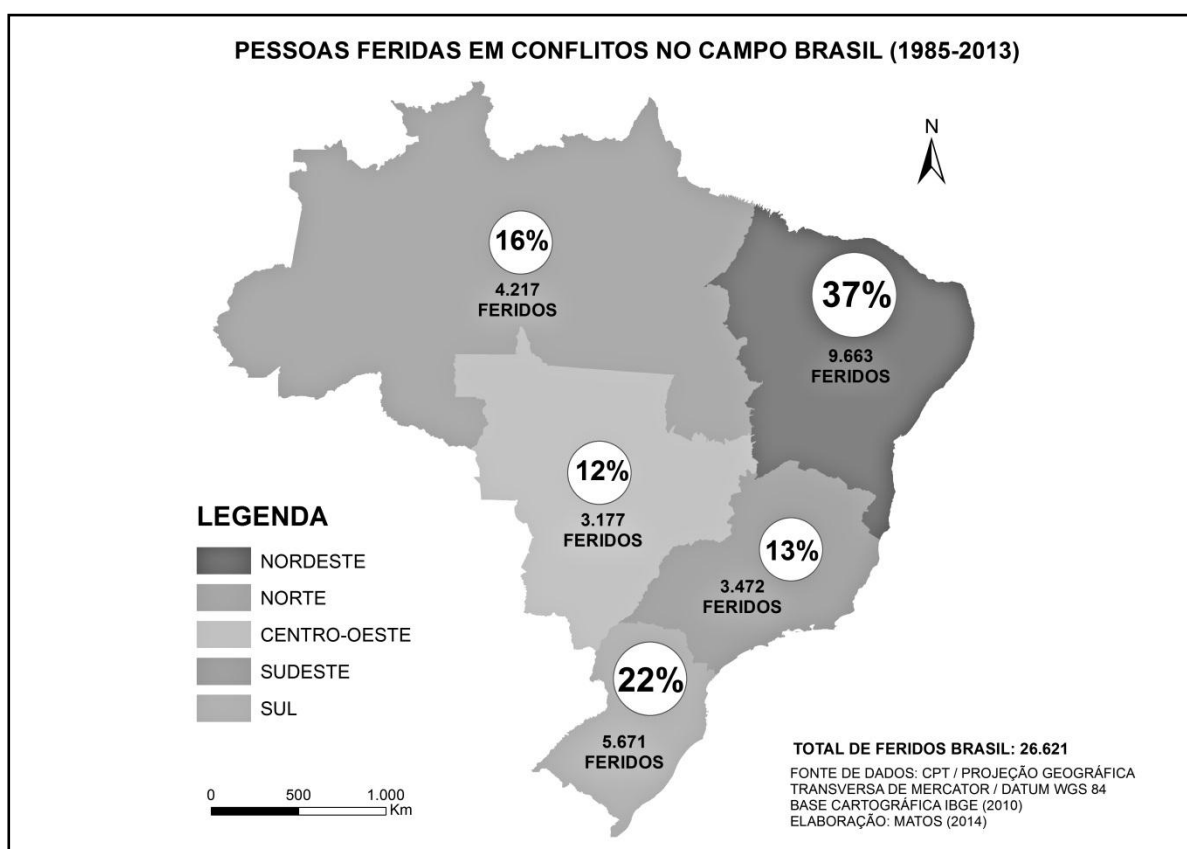


Fonte: CPT. Elaboração: MATOS (2014).

Sobre os casos de violência, os mapas 3 e 4 mostram a distribuição espacial do número de pessoas feridas e assassinadas em conflitos no campo no período estudado. A região Nordeste continuou a se destacar no cenário nacional: 9.663 pessoas (37%) ficaram feridas em conflitos no campo (ver mapa 3), os estados da Bahia, Maranhão e Paraíba se destacaram nesse cenário registrando constantes confrontos em função de saques em função das secas prolongadas, expulsões de terra, etc. O Sul registrou 5.671 feridos (22%) e a região Norte 4.217 (16%).

A explicação para os números elevados do Sul, se comparados com o Norte que mantinha a segunda posição nas análises anteriores se deve, especialmente, aos anos de 1989 e 1990 que registrou um número maior de ocupações de terra em municípios dos estados do Sul com relatos de forte repressão policial em Santa Elmira (RS), Palma Sola (SC) e Inácio Martins (PR), o que pode justificar o elevado número de feridos (CPT, 1989, p.9).

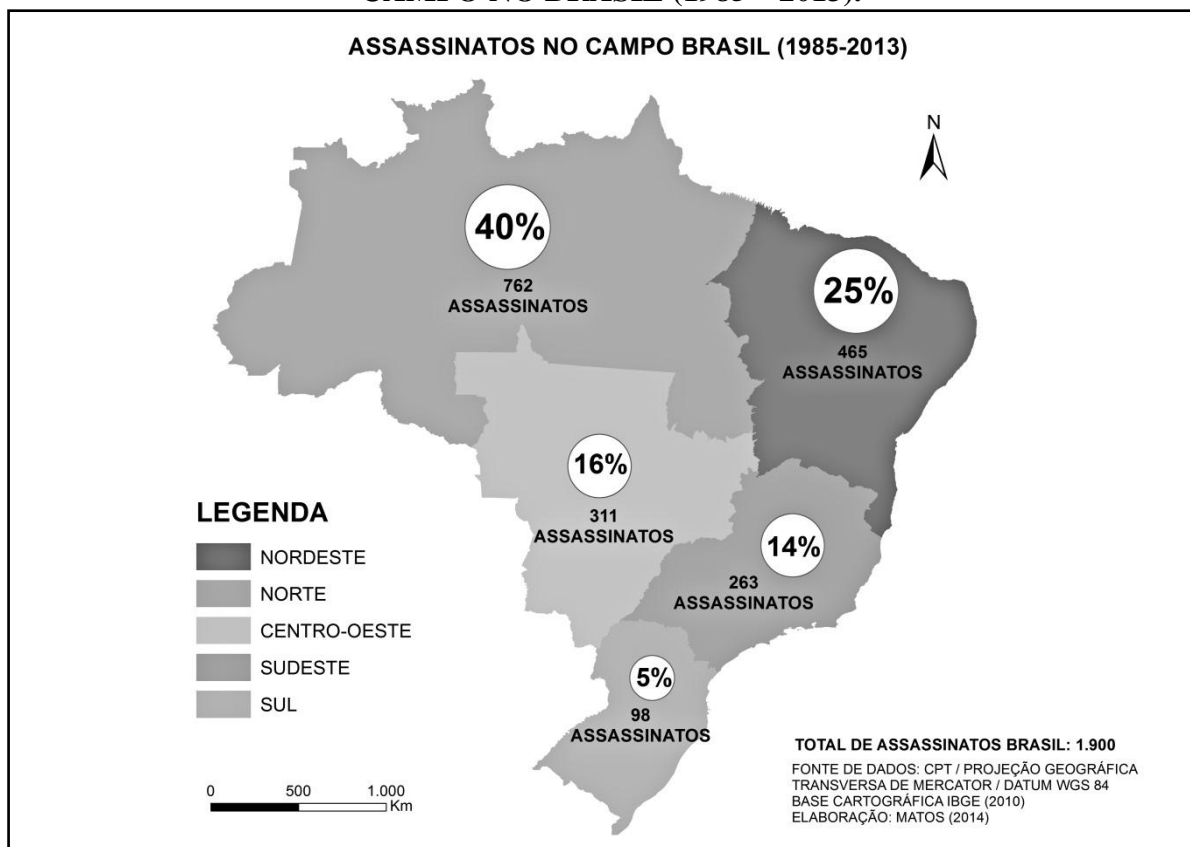
MAPA 3: NÚMERO DE PESSOAS FERIDAS EM CONFLITOS NO CAMPO NO BRASIL (1985 – 2013).



Fonte: CPT. Elaboração: MATOS (2014).

O número de assassinatos na Região Norte que lidera as estatísticas com 762 assassinatos ou 40% do total (ver mapa 4) está associado, segundo análises dos cadernos de conflitos nos anos mais alarmantes, à criminalidade em áreas de garimpo e apropriações de áreas indígenas e ribeirinhas.

MAPA 4: NÚMERO DE PESSOAS ASSASSINADAS EM CONFLITOS NO CAMPO NO BRASIL (1985 – 2013).



Fonte: CPT. Elaboração: MATOS (2014).

O Nordeste que está em segundo lugar na quantidade de assassinatos, com 465 pessoas mortas ou 25% do total, passou por conflitos de posse de terra, água, ocupações, relações trabalhistas e em tempos de seca. O caderno do ano de 1985, por exemplo, faz referência às vítimas fatais na região em função da seca, o que acaba por se repetir em anos seguintes, como em 1987, 1990, 1993 e 1998.

NARRATIVAS DOS CONFLITOS EM TEMPOS DE SECA NO NORDESTE

A seca e o acesso à água sempre foram questões presentes com ênfase nos conflitos nordestinos. Esse certamente é o fator que mais difere os conflitos na região em comparação com as demais. Em anos, como 1987 e 1990 conflitos em tempos de seca se sobressaíram aos casos de posse e uso da terra.

No Nordeste Brasileiro, a palavra seca adquiriu uma conotação bem particular. Na Região, a seca está intimamente associada à penúria, à fome, ao êxodo rural, aos carros-pipa e às frentes de serviços. Para o camponês nordestino, seca e catástrofe social são sinônimos. Por sua vez, a palavra inverno também adquiriu um significado próprio, distinto do seu sentido universal. (...) O nordestino entende inverno como a ocorrência de chuvas regularmente distribuídas ao longo do período tradicional de cultivo (fevereiro- maio) em quantidade suficiente para proporcionar uma boa safra agrícola (CAMPOS; ESTUDART, 2001, p. 30).

E quadras chuvosas irregulares, com índices pluviométricos abaixo da média são condições cada vez mais frequentes no Nordeste e sua ocorrência está diretamente relacionada à circulação das massas de ar no planeta e a fenômenos climáticos como o El Niño -Oscilação Sul (ENOS), que dependendo da intensidade, pode resultar em secas severas, interferindo, de

forma expressiva, nas atividades humanas no Nordeste. (MOLION; BERNARDO, 2000 p. 134).

Além disso, os aspectos físico-ambientais da região semiárida condicionam limites para o potencial produtivo e de armazenamento de recursos hídricos, como taxas de evaporação elevada; predomínio de solos cristalinos de baixa profundidade e reduzida capacidade de retenção de água, etc.

A condição climática e os aspectos físico-ambientais associados à carência de políticas públicas efetivas provocaram durante décadas conflitos no Nordeste. Seja pela falta de assistência do Estado a essas populações camponesas vulneráveis, o que justificou casos de saques e ocupações a órgãos públicos. Em 1993, por exemplo, a publicação da CPT destaca:

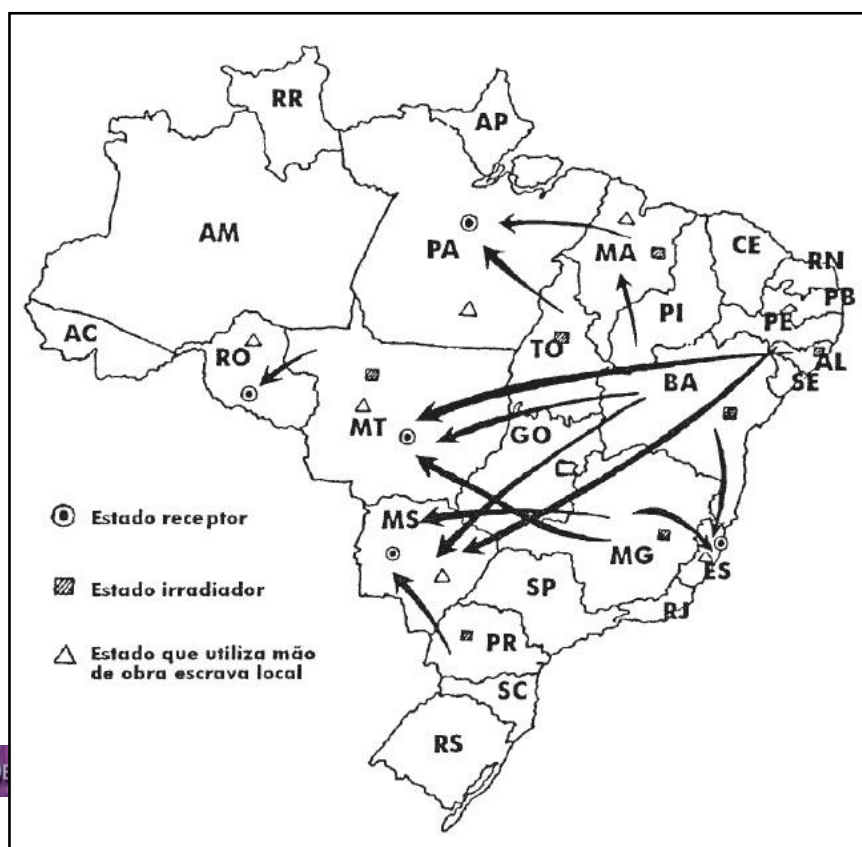
Em Acopiara, Ceará, 1.500 lavradores ocupam a prefeitura exigindo comida e trabalho. Por falta de dinheiro as frentes foram suspensas. Com fome, os flagelados ocupam a cidade, arrombam armazéns e o posto da Febem local, de onde levam alimentos.” Em Jardim, Ceará, trabalhadores alistados nas frentes produtivas, revoltados com o atraso no pagamento dos salários, saqueiam a merenda escolar. A polícia intervém. Já em Boa viagem, também, no Ceará, quatro carretas trazendo açúcar de Catanduva (SP) para Fortaleza são saqueadas por mais de 500 flagelados que bloquearam a BR-020 com troncos e pedras. Os trabalhadores estão com o salários atrasados no Programa de Frentes Produtivas (CPT, 1993).

E assim como ocorrido no Ceará, outros estados da região registraram relatos semelhantes como na Bahia e Paraíba, onde a maioria das ações conflitivas se justificou em razão da seca.

Nesse contexto, é preciso considerar que os conflitos no campo não ocorrem de forma pacífica, são historicamente violentos, nos casos mais extremos tem-se um número significativo de pessoas feridas e assassinadas em conflitos no campo.

A situação provocada pelas secas, também, contribuiu para o êxodo de camponeses para outras regiões do país, o que abriu, inclusive, precedente para outras formas de conflitos, como a superexploração, através do trabalho escravo ou infantil. Em artigo intitulado “rota da escravidão”, o caderno de 1994 trata da participação do Nordeste nesse cenário quando a CPT registrou 25.193 trabalhadores em situação de trabalho escravo no Brasil. O mapa 5, divulgado naquele ano, mostra a representatividade de estados no Nordeste como fornecedores de mão-de-obra escrava para outras regiões do país.

MAPA 5 – ROTA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL EM 1994.



Fonte: CPT, 1994.

Nesse ano há narrativas que exemplificam essa problemática: *“No Maranhão foram buscados para trabalhar no Pará. A Bahia exportou escravos para o Mato Grosso e também para o Espírito Santo. De Alagoas, também, encontram-se trabalhadores no Mato Grosso do Sul”*.

Comuns, também, são as cenas de crianças que trabalhavam na tentativa de minimizar a situação das famílias, quer sejam em carvoarias, salinas, colhendo caju em empresas de exportação ou na busca por água, como ilustra a fotografia abaixo.

FIGURA 1: MÃE E FILHO A PROCURA DE ÁGUA EM UM POÇO EM OURUCURI, PERNAMBUCO.



Fonte: CPT, 1993.

O caderno de 1998 faz uma dedicatória aos nordestinos que resistem aos efeitos da seca. *“Sua valentia e dignidade estão representadas pela menina Maria de Fátima Batista de Souza, de 13 anos, moradora de Parnamirim, em Pernambuco. Num contexto em que alguns pais de família se suicidaram por não suportar a visão dos filhos passando fome, Maria de Fátima escolheu lutar pela vida, juntando outros famintos em torno dessa proposta.”* E esse mesmo texto, ainda, destaca, uma fala da menina Maria de Fátima que diz: *“Quando acabar a comida, pego no mercado da esquina, nem se for presa para o resto da vida. (...) são dez pessoas para comer na minha casa. Agora aprendi que não há mais motivo para passar fome. Se as cestas chegam e os pobres ficam só olhando e não ganham, então a gente pega.”*

Esse discurso remete a uma realidade enfrentada por milhares de famílias atingidas pela seca e pela falta de assistência do Estado. As falas que justificam os saques, as ocupações aos órgãos públicos e até mesmo o enfrentamento ao poder de polícia dão conta de atrasos nos pagamentos das frentes de serviços, não entrega de cestas básicas, etc.

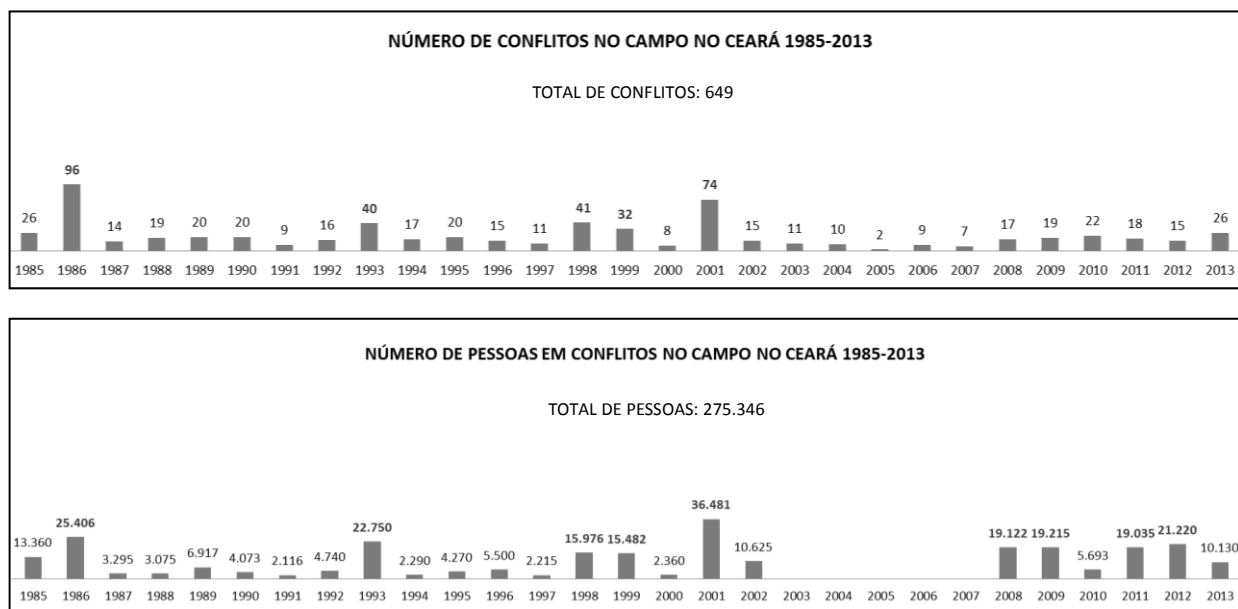
É preciso considerar no Nordeste, que além desse tipo de conflito, há, também, a posse e uso da terra, onde inúmeras famílias sofreram com queimadas de plantações, destruição de casas e agressões físicas e até assassinatos porque lutavam pela garantia de seus direitos, como exemplifica a narrativa abaixo, sobre a repressão sofrida por camponeses da Paraíba, no ano de 1994:

Um posseiro acusa o policial “Carlão” de estar comandando uma equipe de pistoleiros que impedem os moradores de sair de suas casas, fechando as passagens e ameaçando-os com armas. Cerca de 40 policiais militares, à frente o capitão Fernando, de Itabaiana, apreendem as enxadas, quando os posseiros trabalhavam em regime de mutirão. Os posseiros conseguem retomar as enxadas e denunciam que um grupo de policiais permanece na área impedindo sua volta (CPT, 1994).

Essas são situações que remetem à transgressão, ressentimento e revolta ligada aos conflitos. Essa condição, no pensamento de Ricci (2009, p.324) leva ao apartamento social e daí as ações de resistência política sempre estarem revestidas de transgressão ou inovação na gestão territorial.

No que diz respeito ao quantitativo de conflitos em tempos de seca no período estudado, ainda, não foi finalizado o levantamento em função do número de estados e do período analisado (1985-2013). Essa fase ainda está em andamento pelos pesquisadores, mas já há dados preliminares no que se refere ao número de conflitos e pessoas envolvidas³ nessas ações no estado do Ceará.

GRÁFICO 1 E 2: NÚMERO DE CONFLITOS E PESSOAS ENVOLVIDAS NO CEARÁ DE 1985-2013.



Fonte: CPT. Elaboração: Matos (2015).

Os dados ilustrados nos gráficos 1 e 2 já nos permite acreditar que o maior número de conflitos e de pessoas envolvidas foi verificado, justamente, em anos de seca. Na continuidade desta pesquisa pretende-se avançar nessas reflexões a medida que novos dados forem surgindo.

Em 1986, no Ceará, foram registrados assassinatos na família Veríssimo Carlos, em Trairi, a mando do fazendeiro Fernando Nogueira e empregados. Houve, ainda, luta pela terra, pedidos de desapropriação, tentativas de políticos manobrar sindicatos rurais. Registro de ameaça de morte em integrantes da igreja católica (padres, irmãs) e lideranças sindicais. Em 1993, o município de Canindé registrou uma ocupação de terra na Fazenda Transval com a participação de 100 famílias. Os casos de feridos trataram-se de lesões corporais. Também ocorreram relatos da seca e de inúmeros saques. Em 1998, houveram manifestações em Groaíras, Irauçuba, Quixelô e Várzea Alegre. Frentes de trabalho tiveram verbas cortadas, quem estava alistado e ganhava 80 reais por mês, passou a ganhar 40 reais e depois nada, cestas básicas deixaram de ser entregues, projetos de construções de barragens não saíram do papel. Em 1999, houve ocupação de terra em Barro e Ocara, saques em função da seca nos municípios de Quixeramobim, Mauriti, Juazeiro do Norte, Icó, Massapê, Cedro, Jardim, Canindé, etc. Já em 2001, ocorreram conflitos em tempos de seca, como ocupações nas prefeituras de Assaré, Caririagu, Cedro, Choró, etc. Manifesto por água e alimento em Campos Sales e saques em Tauá.

É importante considerar nesse contexto de luta e de ações o papel dos movimentos sociais e sindicais nos conflitos, no que diz respeito ao caráter organizativo e de mobilização.

³ De 2003 a 2007 não há dados disponíveis no que diz respeito ao número de pessoas envolvidas em ações conflituosas no Ceará, por isso esses anos estão sem números no gráfico 2. A CPT não apresenta justificativa para a ausência de dados nesses anos, especificamente.

Neles há organização e estrutura partidária, necessárias à unidade da diversidade, força política e o lugar de seus participantes, tanto no processo político, quanto na aliança com as classes sociais que se defrontam com as classes dominantes e o Estado (MARTINS, 1983, p. 9).

Os relatos acima destacados evidenciam o caráter de resistência do campesinato no Nordeste em face às condições naturais, como a seca, mas, sobretudo, ao abuso do poder de polícia do Estado, da imposição de fazendeiros, latifundiários que fazem uso da violência numa tentativa de tomada e/ou reestabelecimento do poder. Nas palavras de Porto-Gonçalves e Cuin (2013, p.18) o conflito é a contradição social em estado prático. É também, um problema político, da luta e do confronto entre as classes sociais, entre exploradores e explorados e como lembra Martins (1983, p. 13) precisa de resposta política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distribuição espacial dos conflitos e das formas de violência no campo no Brasil é assimétrica e está presente em todo o território brasileiro.

É preciso aprofundar as discussões e se deter, ainda mais, às particularidades dessas ações no espaço e no tempo para compreender os processos sociais, políticos e geográficos incorporados aos conflitos no campo.

Reflexões norteadoras dos próximos passos da pesquisa já foram lançadas e discutidas, como o destaque do Nordeste e Norte nesse cenário e a representatividade dos conflitos por água e em tempos de seca que são mais evidentes nas áreas de semiárido e que são precedentes para a prática de outros tipos de conflitos, como o trabalho escravo.

Nesse sentido, a análise dos processos de construção envolvidos nessas ações conflitivas é, sem dúvida, mais que uma ferramenta de compreensão do passado, é caminho para teorizar o presente e projetar o futuro da questão agrária no Brasil e dos que dela participam.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, J.N.B.; STUDART, T.M.C. Secas no Nordeste do Brasil: Origens, Causas e Soluções. 2001. Disponível em: < http://www.deha.ufc.br/ticiane/Arquivos/Publicacoes/Congressos/2001/Secas_no_Nordeste_do_Brasil_08_de_junho_def.pdf > Acesso em: 10 de janeiro de 2015.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Cadernos Conflitos no Campo Brasil. Goiânia: 1985 a 2013.
- MARTINS, J.S. Os camponeses e a Política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MOLION, L.C.B; BERNARDO, S.O. Dinâmica das Chuvas no Nordeste Brasileiro. 2000. Disponível em: <<http://www.cbmet.com/cbmfiles/127ea5f627d14a9f9a88cc694cf707236f.pdf>> Acesso em: 3 de fevereiro de 2012.
- PORTO-GONÇALVES, C.W.; CUIN, D.P. Geografia dos Conflitos por Terra no Brasil (2013): Expropriação, violência e r-existência. In: Caderno Conflitos no Campo Brasil. Goiânia: 2013.
- RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.
- RICCI, R. A maior estrutura sindical do Brasil: papel do sindicalismo de trabalhadores rurais no pós-64. In: Lutas Camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.